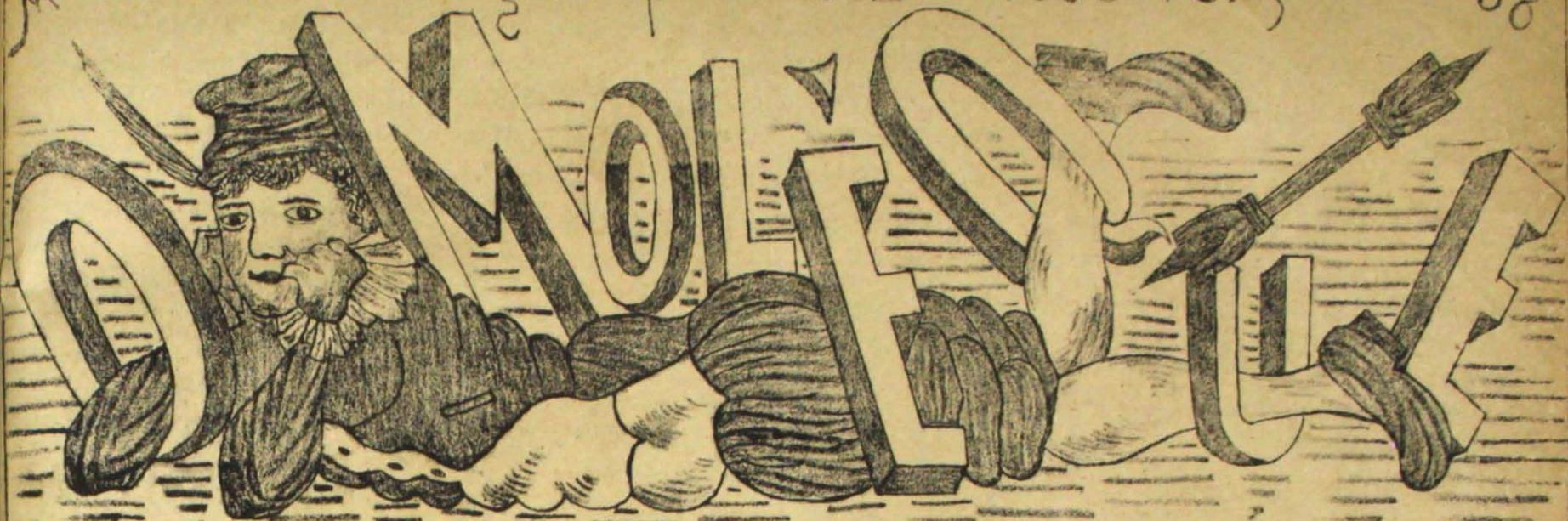


Anno 185

Assign. por mez 1.000 R\$.

Numero 38



Redacção de Cruze e Souza | Propriedade de uma Associação



Rodolpho

O Snr. Major Taunay entre a Cruz e a Caldeirinha.

Desterro, 13 de Setembro de 1885.

Ignez

(Nota de um excursionista)

A Horacio de Carvalho

Talvez não a conheças.

E' bella e tentadora como um fructo maduro.

Os seus olhos negros, de uma humida de velludosa e casta, tem o fulgor magnifico dos diamantes pretos.

Nos seus labios vermelhos, gordos, artisticamente abertos n'um rosto illuminado de sympathia e de bondade, cheio da quella pennugem suavissima dos pecegos, paira constantemente um sorriso alegre de virgem feliz, que exhibe esplendidamente uma fila lapidada de dentes branquissimos, terminando em duas covinhas adoraveis e provocantes.

Móra n'uma casinha à beira mar, á direita da estra da branca e larga, que se estende para o centro até a montanha.

A vida della é correr pelo campo a procura de ninhos, ou brincar na praia, de saias nos joelhos, enterrando os pés na areia limpida, com as pernas bem feitas mergulhadas na caricia espumosa das ondas.

E' uma borboleta.

Apesar dos seus dezoito annos e da florescencia exuberante e perfumosa da sua carnação olympica, ella vive n'uma despreocupação ingenua, n'uma buliçosidade infantil, como um rapaz creado á solta na fecunda liberdade do campo.

Admiravel! na sua belleza correcta e desapertada de rapariga aldeã, medrada na saude intensa, na tranquillidade feliz dos vegetaes que espalham frescura e vida.

E' uma especie de deusa joven cheia da resplandecencia alegre do sol.

Si chegares a vel-a, algum dia, com certeza não resistirás ao desejo aguilhoante de contornal-a, aquarellal-a ás pressas, n'uma pequena lamina azul de pròsa quente, artistica e lampejante, como eu procurei fazer agora em linhas doces e cantantes como uma orchestra,—para dependural-a depois n'um prègo dourado do teu gabinete de artista moderno, como uma recordação viva e saudósa d'essa rapariga galante.

Virgilio Varzea

(Das «Miudezas»)

—Como fòrtes gargalhadas por um templo de crystal, sonoramente vibradas, como fòrtes gargalhadas, sinto ideias baralhadas n'um fragil descommunal como fòrtes gargalhadas por um templo de crystal.

Zot.

JOÃO OLDR

(Continuação)

—Com que então v. s. (dizia Oldr a um personagem invisivel) veio de Petropolis? Como está a virtuósa esposa do sr. commendador Silva? Bôa? Ora muito bem; não me ha de recusar beber à saude dessa illustre senhora.

Esvasiava de um trago o seu copo, enchia outro copo e esvasiava-o em genero, numero e caso.

O protector estava fulminado.

—Petropolis é sempre o mesmo, hein? E que tal acha este licôr? Por lá não fariã máo effeito com aquelle frio!

Beba mais um golinho! (Enchia os dous copos).

Em seguida, mudando de voz, respondia a si proprio:

—Sabe que se casou a sobrinha do Carneiro das Alcachofras?

—Sim? acodia, voltando ao seu tom natural. Bella moça! A' sua saude, pobresinha! A' sua saude e dos proximos filhinhos!) Esvasiava os dous copos.)

O protector sentia as pernas bambas e o suor cahia-lhe em bagas. Cuidava estar sonhando! João Oldr ergueu-se, emfim, da meza e arrolhou a garrafa.

Estendendo a mão ao personagem invisivel, e apertando o ar:

—Bôa viagem, meu amigo, optima viagem! Lembranças àquelle povo! Não quererá mais um copinho!

E transformando a voz replicava:

—Obrigado, sr. João; é fortissimo este licôr!

—Ah! então até mais vêr!

—Até mais ver, sr. Oldr!

João Oldr veio até a porta, como se acompanhasse alguém, e apertando o ar de novo, fechou-a, despedindo-se ainda.

O protector ia bater, quando a chave voltou-se mais uma vez na fechadura.

—O que é! perguntou João Oldr.

E mudando a voz:

—Sou eu, sr. Oldr. Esqueci-me do chicote de cabo de prata em cima da meza. Faz favor!

—Pois não, meu caro! E João Oldr foi ver a um canto do quarto um chicote de cabo de prata que possuia.

Apresentando-o, exclamou:

—Cá está elle. Agora, em signal de alegria, mais um copinho!

—Ora, sr. João!

—Mais um, tome! (Encheu os dous copos e zás! deu sumidouro ao liquido.)

—Adeus! adeus!

Desta vez fechou-se deveras a porta, e o protector assombrado fugio para o interior da casa.

A' hora do almoço, appareceu João Oldr, alegre, levemente fluctuante, satisfeito, venturoso.

O protector com ar sardonico, mostrou-lhe uma luzidia garrafa de cognac:

—Não quererá um golinho, sr. João, um golinhode cognac?

—Só se fôr com muita agua! exclamou João Oldr fazendo-se enjoado à vista da garrafa. Só se fôr com muita e muita agua!

FIM

—Como um assombro de assombros a rapariga—um rainunculo, da serra pelos escombros como um assombro de assombros, quando vê de échada aos hombros o noivo—lembra um carbunculo, como um assombro de assombros a rapariga—um rainunculo.

Zut.

Emilio Zola

(NOTAS DE UM AMIGO)

Traducção de A. C.

II

Infancia em Aix

(Continuação)

Um dia com tudo, aos quatro annos e meio, em um momento de indignação infantil, pronunciou um suberbo *cochon!*

Seo pae admirado deu-lhe dous soldos. Certamente sua lingua desembaraçou mais tarde; mas restava-lhe ainda uma circumspecção diante de certas palavras, uma demora em pronuncial-as. Não era bastante: poderia ser muito infeliz nos bancos. Infelicamente, tomou conhecimento com dous rapazes sympathicos, da

mesma idade, porem uma classe mais adiantados. Cezanne, Baille e elle foram em breve—os tres inseparaveis—como chamaram-nos dentro em pouco. De anno a anno, essa reunião tornou-se mais estreita, a tal ponto que me seria impossivel ir mais adiante na minha narraçào, sem contar essa grande amisade.

A principio não foi senão uma camara-dagem como de rapazes, entrecortada provavelmente de brigas passageiras, e quem sabe? talvez de cacholetas. Mas essas cacholetas não faziã mal, e maistarde procuravam-se com ternura. Nos dias de passeio todos os tres esperavam á porta, e iam de braço dado. Algumas vezes era Baille, morador nos banhos Sextius, que se acompanhava. Enquanto subiam o arrabalde, uma pedra, depois duas, depois quatro fendiam o ar por cima de suas cabeças e batiam contra as casas em frente. Os tres amigos deviam resguardar-se, ganhavam abrigo n'alguma porta de cocheira, e assistiam d'ahi um perigoso espectáculo.

Eram homericas batalhas á pedradas, os filhos do arrabalde contra os da cidade, dous grupos de rapazes selvagens perseguiam-se com pedras, continuando não sei que odio secular de' quarteirão em quarteirão. Leia-se as paginas 317 e seguintes da *Faute de l'abbé Mouret*, onde o frei Archangias, et Jeanbernet, ao clarão da lua apredejam-se terrivelmente; não é senão uma recordaçào desses combates do arrabalde.

(Continúa)

Poemas

XIII XIV

NA FONTE

Bem ao lado da gruta a fõnte córre trépidamente, as aguas encrespando, em murmurios crêbros, levantando uns chamalõtes prateados—morre

no monte o sol que a luz no oceano escorre e ainda eu vejo, as sômbros affrontando, uma mulher que lava, mesmo quando o sol mais rúbros, mais vermêlho jórre.

—E' n'um sitio afastado, um sitio êrmo...

—Passaros córtam vastidões sem têrmo, borbolêtas azúes, rôçam nas aguas.

—E a mulher lava, enrubecida a face; lava, cantando, como si lavasse as suas tristes e profundas maguas.

Cruz e Souza.

Da bruma pelos paizes,
pelos paizes da bruma,
longe dos astros felizes,
da bruma pelos paizes,
tù vâes perdendo os matises
da luz e da gloria em summa,
da bruma pelos paizes,
pelos paizes da bruma.

Zat.

Piparotes

Recebemos o «Estudante» que tomou um desenvolvimento physico intellectual—bem accetavel.

Desta vez apparece-nos como um órgão do Club Litterario *Ramos Junior*.

E' dirigido o «Estudante» por um punhado de moços cheios de aspirações e crêncas.

Ao «Estudante» que agora amanhece cheio de coragem, nos combates da imprensa, os «bons dias» do Moléque.

*

No dia 7, á uma hora da tarde, houve em Palacio a entrega de 28 cartas de liberdade, pela caixa-fundo de emancipaçào provincial.

Foram distribuidas pelo Dr. Chefe de Policia que dêo fulgõres ao acto, proferindo um bonito discurso aos libertandos.

E' agora a occasião de felicitar a Provincia e pedir-lhe, em nome da Liberdade que tem vivido a chorar á sombra do anachronismo escravocrata, toda a sympathia todo o amor, todo o carinho pela redempçào da desgraçada raça dos tristes.

Vinte e oito cartas de Liberdade, são vinte e oito bençãos de consolo, de purificaçào moral!

Vamos, Santa Catharina, mais um esforço sobre ti mesma e galgará o pedestal do Capitolio da Luz Democratica que encoraja os fracos e illumina os fortes, e aquelles que estão sob a terrivel noite das desesperanças e das duvidas!

Mais um passo para a igualdade dos direitos, para a communhão das almas.

Obrigado, pelos libertandos do dia 7.

*

A' noite, nesse mesmo dia, deo a «Alvaro de Carvalho» a sua récita com o drama «Jenny ou a honra de minha filha» e a comedia «Por causa de um algarismo».

O Moléque por não ter mãos, nem phra-

ses bastantes para applaudir freneticamente, doudamente, o comportamento sympathico dos valentes amadores nas taboas do scenario, encomenda á todas as primaveras os seus turbilhões de flôres e a todos os dias de sol os seus clarões lampejantes—como uma irradiaçào que lhês circumdará as frentes.

Bravo! Bravissimo!

*

Continúa parado o aterro da praia do «Menino Deus».

Não temos cessado de gritar contra isso, mas as cousas páram no mesmo.

Srs. da Presidencia e Edilidade, andem-me para a frente com esse aterro que me parece um carro de bois morosos, cansados, que esbarrou em alguma pedra colossal e que não ha meio de o fazer seguir para diante.

Vá lá, comtudo, tóquem os bois, metam-lhes as varas e...caminhem.

Siga o carro de bois.

Olha esse aterro que saia...do enigma, que passe a ser um problema resolvido. Queremos ver como se arranja o trabalho...

Siga o carro de bois.

Trac.

Cousas para rir

—Olhe sò para isto, ó pequena! Repara como eu estou...

—E' verdade!...E onde vae o senhor assim?

—Eu? Vou ao theatro com o imperador.

—Com o imperador?!

—Sim senhora!... com o imperador! E então? Que tem isso?...A unica differença que ha è que elle vae para o camarote delle e eu vou lá para as torrinhas. Admira-se?

N'um collegio da roça.

O pequeno vae para o collegio.

—Não o poupe, diz a mãe ao mestre. Este menino è o diabo. Eu já não posso com elle; pois o diabinho deste tamanho até já è abolicionista!...

Em um tribunal; o juiz e o réo:

—Então «você», diz o juiz, deu uma bofetada no sr. Joaquim, porque motivo?

—Por ser insolente, respondeu o réo, e chamar-me de «você».

O juiz então, já um pouco tremulo:

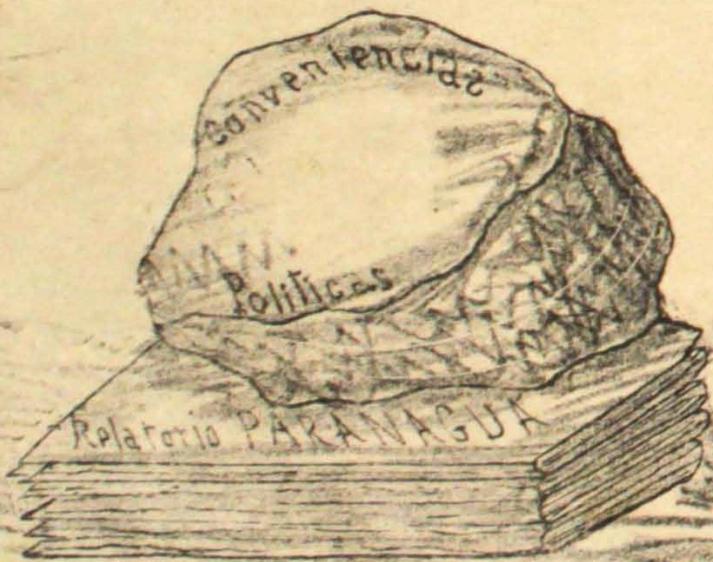
—Então è isso motivo para que «Vossa senhoria» distribua logo bofetadas?

Um moço foi ter com um philosopho, queria casar-se e pediu um conselho a esse respeito.

—Faça o que quizer, lhe disse o philosopho, pois que se case, quer não, ha de arrepender-se.



Ao lêr o artigo do Sr. Mingóte, o Sr. Côtégipe resolveu não nomear mais vice-presidentes para esta Provincia, e deitar can-can com a Camara para obter a lei dos meios, o que lhe rende muito mais.



Continúa de pedra em cima o relatorio do D. Paranaguá.



E, devido á isso, estes dois órgãos descompõem-se ridiculamente.